**Exercício sobre o vídeo-debate: Don't Trust The Promise Of Artificial Intelligence**

Carolina Batista Monteiro

RA: 167772

Os pontos mais importantes levantados no debate sobre não confiar na promessa da IA foram: a divisão entre o que é ciência e fantasia, a responsabilidade humana diante das máquinas, a definição do que seria uma IA e sua aplicação, a questão moral e ética realista no uso de IA e se a sociedade humana estaria preparada para lidar com essa mudança.

Assim, os principais argumentos contrários seriam que a IA nada mais é que uma extensão da mente humana e da sua capacidade. Por isso nos permite trabalhar com maior segurança, inteligência e precisão, e que nos ajuda a entender e solucionar problemas com maior rapidez. A tecnologia em si não determina se algo vai ser bom ou ruim, por isso é necessária a criação de um contexto político propício para que essas ferramentas possam ser utilizadas da melhor maneira possível. A promessa em si, é sobre a replicação da mente humana com o intuito de aplicá-la no dia a dia e facilitar nossa realidade

Logo, os argumentos a favor da premissa se sustentam na necessidade de deixar de tratar a IA como uma entidade superior à nossa inteligência, porque por trás do trabalho da mesma existe o trabalho intelectual de milhares de pessoas. É deixar a ideologia moralista de lado de “culpa da máquina” e nos responsabilizar como seres humanos, tanto nos acertos quanto nos erros, para manter nossa relevância. Precisamos construir tecnologias para que sejam utilizadas como tecnologia, não como religiões, só assim poderíamos usá-las corretamente.

Nesse caso, eu concordo com os que são a favor de não confiar na promessa da IA. Não há nada de errado em ser otimista e almejar melhorias no desenvolvimento da sociedade, contanto que haja realismo nessa ideia. Também, é importante nos valorizar nesse processo, diminuir o trabalho humano para vangloriar o da tecnologia é ser injusto com a nossa capacidade. Além disso, enxergar como essa tecnologia reside apenas nas mãos das maiores empresas monopolistas atualmente, refuta a idéia de que qualquer um poderia determinar o que é “bom” ou “ruim”, porque na prática, são essas empresas que determinam isso para nós, e fazem de tudo para nos convencer disso.